

Mais de 8 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

As SETE IRMÃS

As Sete Irmãs | Livro 1
A História de Maia





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PARA MINHA FILHA,
ISABELLA ROSE.

*“Todos estamos deitados na sarjeta, só que alguns
estão olhando para as estrelas.”*

OSCAR WILDE



Personagens

ATLANTIS

Pa Salt – *pai adotivo das irmãs (falecido)*

Marina (Ma) – *tutora das irmãs*

Claudia – *governanta de Atlantis*

Georg Hoffman – *advogado de Pa Salt*

Christian – *capitão da lancha da família*

AS IRMÃS D'APLIÈSE

Maia

Ally (Alcíone)

Estrela (Astérope)

Ceci (Celeno)

Tiggy (Taígeta)

Electra

Mérove (não encontrada)

A série *As Sete Irmãs* é livremente baseada na mitologia das Sete Irmãs das Plêiades, a conhecida constelação próxima ao famoso cinturão de Órion. Dos maias aos gregos e aos aborígenes, há relatos sobre a constelação das Sete Irmãs em inscrições e em verso. Marinheiros as usaram como referência para se orientar por milhares de anos, e até mesmo a marca japonesa de carro Subaru recebeu esse nome em homenagem às *seis* irmãs...

Muitos dos nomes na série são anagramas dos personagens que povoam as lendas, e várias alegorias são mencionadas ao longo da história, mas não é preciso saber nada disso para ler os livros. No entanto, se você estiver interessado em ler mais sobre “Pa Salt”, Maia e suas irmãs, então visite meu site: www.lucindariley.com, em que as diversas lendas e histórias são reveladas.

Maia

Junho de 2007
Quarto crescente
13; 16; 21

1

Sempre vou lembrar exatamente onde me encontrava e o que estava fazendo quando recebi a notícia de que meu pai havia morrido.

Estava sentada no lindo jardim da casa da minha velha amiga de escola em Londres, com um exemplar de *A odisseia de Penélope* aberto no colo, mas sem nenhuma página lida, aproveitando o sol de junho enquanto Jenny buscava seu filho pequeno no quarto.

Eu estava tranquila e feliz por ter tido a bela ideia de sair de casa um pouco. Observava o florescer da clematite. O sol, tal qual um parteiro, a encorajava a dar à luz uma profusão de cores. Foi quando meu celular tocou. Olhei para a tela e vi que era Marina.

– Oi, Ma, como você está? – falei, esperando que ela conseguisse notar o calor em minha voz.

– Maia, eu...

Marina fez uma pausa e, naquele instante, percebi que havia algo terrivelmente errado.

– O que houve?

– Maia, não existe uma maneira fácil de dizer isto. Seu pai teve um ataque cardíaco aqui em casa, ontem à tarde, e hoje cedo ele... faleceu.

Fiquei em silêncio, enquanto um milhão de pensamentos diferentes e ridículos passavam pela minha mente. O primeiro era o de que Marina, por alguma razão desconhecida, tivesse resolvido fazer uma piada de mau gosto.

– Você é a primeira das irmãs para quem estou contando, Maia, já que é a mais velha. Queria saber se você quer contar para suas irmãs ou prefere que eu faça isso.

– Eu...

Eu ainda não conseguia fazer nada coerente sair dos meus lábios, agora que começava a me dar conta de que Marina, minha querida Marina, o

mais próximo de uma mãe que eu conhecera, nunca me falaria algo assim *se não fosse verdade*. Então tinha que ser verdade. E, naquele momento, meu mundo inteiro virou de cabeça para baixo.

– Maia, por favor, me diga que você está bem. Esta é a pior ligação que já tive que fazer, mas que opção eu tinha? Só Deus sabe como as outras garotas vão reagir.

Foi então que ouvi o sofrimento na voz *dela* e percebi que Marina precisava me contar aquilo não apenas por mim, mas também para dividir aquela tristeza. Então passei à minha zona de conforto usual, que era tranquilizar os outros.

– É claro que conto para minhas irmãs se você preferir, Ma, embora não tenha certeza de onde todas estão. Ally não está longe de casa, treinando para uma regata?

E, enquanto falávamos sobre a localização de cada uma de minhas irmãs, como se tivéssemos que reuni-las para uma festa de aniversário e não para o enterro de nosso pai, a conversa foi me parecendo cada vez mais surreal.

– Quando você acha que deve ser o funeral? Com Electra em Los Angeles e Ally em algum lugar em alto-mar, com certeza não podemos pensar nisso até semana que vem – disse eu.

– Bem... – Ouvi a hesitação na voz de Marina. – Talvez seja melhor conversarmos sobre isso quando você estiver em casa. Não há nenhuma pressa agora, Maia, por isso, se preferir passar seus últimos dias de férias em Londres, não tem problema. Não há mais o que fazer por ele aqui... – Sua voz falhou, tomada pela tristeza.

– Ma, é claro que vou estar no primeiro voo para Genebra que eu conseguir! Vou ligar para a companhia aérea imediatamente e depois vou fazer o máximo para entrar em contato com todas elas.

– Sinto tanto, *chérie* – disse Marina com pesar. – Sei como você o adorava.

– Sim – eu disse, a estranha tranquilidade que eu sentira enquanto debatíamos o que fazer me abandonando como a calma antes de uma tempestade violenta. – Ligo para você mais tarde, quando souber a hora que devo chegar.

– Por favor, cuide-se, Maia. Você passou por um choque terrível.

Apertei o botão para encerrar a ligação e, antes que as nuvens em meu coração derramassem uma torrente e me afogassem, subi até meu quarto para pegar minha passagem e entrar em contato com a companhia aérea.

Enquanto esperava ser atendida, olhei para a cama em que eu tinha acordado naquela manhã para mais *um dia como outro qualquer*. E agradei a Deus por os seres humanos não terem o poder de prever o futuro.

A mulher intrometida que acabou atendendo não era nem um pouco prestativa, e eu sabia, enquanto ela falava sobre voos lotados, multas e detalhes do cartão de crédito, que minha barragem emocional estava prestes a se romper. Finalmente, quando consegui que me garantisse, com muita má vontade, um lugar no voo das quatro horas para Genebra – o que significava ter que jogar tudo na minha mala imediatamente e pegar um táxi para Heathrow –, sentei-me na cama e olhei por tanto tempo para a ramagem que decorava o papel de parede que o padrão começou a dançar diante dos meus olhos.

– Ele se foi... – sussurrei. – Se foi para sempre. Nunca mais vou vê-lo.

Esperando que dizer essas palavras fosse provocar uma torrente de lágrimas, fiquei surpresa em ver que nada aconteceu. Em vez disso, permaneci ali sentada, paralisada, a cabeça ainda cheia de questões práticas. Seria horrível ter que contar às minhas irmãs – a todas as cinco –, e revirei meu arquivo emocional para decidir para qual ligaria primeiro. Tiggy, a segunda mais jovem de nós e de quem eu sempre fora mais próxima, foi a escolha inevitável.

Com dedos trêmulos, toquei a tela para achar seu número e liguei. Quando caiu na caixa postal, não soube o que dizer além de algumas palavras confusas lhe pedindo que me ligasse de volta com urgência. Ela estava em algum lugar das Terras Altas, na Escócia, trabalhando em uma reserva para cervos selvagens órfãos e doentes.

Quanto às outras irmãs... Eu sabia que as reações iam variar, pelo menos externamente, da indiferença ao choro mais dramático.

Como não sabia bem para que lado *eu* penderia na escala de emoção quando falasse de fato com alguma delas, escolhi o caminho covarde de mandar para todas uma mensagem pedindo que me ligassem assim que pudessem. Então arrumei apressadamente a mala e descí a escada estreita que levava à cozinha para escrever um bilhete para Jenny explicando por que tive que partir tão de repente.

Resolvi arriscar a sorte e pegar um táxi na rua, então saí de casa andando rapidamente pela verdejante Chelsea Crescent como qualquer pessoa normal faria em qualquer dia normal de Londres. Acho que cheguei a dizer

oi para um cara com quem cruzei, que passeava com um cachorro, e até consegui esboçar um sorriso.

Ninguém poderia imaginar o que tinha acabado de acontecer comigo, pensei enquanto entrava num táxi na movimentada King's Road, instruindo o motorista a seguir para Heathrow.

Ninguém poderia imaginar.



Cinco horas depois, quando o sol descia vagorosamente sobre o lago Léman, em Genebra, eu chegava a nosso pontão particular na costa, de onde eu faria a última etapa da minha viagem de volta.

Christian já esperava por mim em nossa reluzente lancha Riva. Pela expressão em seu rosto, dava para ver que ele já sabia o que acontecera.

– Como você está, mademoiselle Maia? – perguntou, e percebi a compaixão em seus olhos azuis enquanto ele me ajudava a embarcar.

– Eu... estou feliz por ter chegado aqui – respondi sem demonstrar emoção.

Caminhei até a parte de trás do barco e me sentei no banco de couro cor de creme que formava um semicírculo na popa. Normalmente eu me sentava com Christian na frente, no banco do passageiro, enquanto atravessávamos as águas calmas na viagem de vinte minutos até nossa casa. Mas, naquele dia, queria um pouco de privacidade. Quando ele ligou o potente motor, o sol cintilava nas janelas das fabulosas casas que ladeavam as margens do lago. Muitas vezes, quando fazia esse trajeto, sentia que entrava num mundo etéreo, desconectado da realidade.

O mundo de Pa Salt.

Notei a primeira vaga evidência de lágrimas arder em meus olhos quando pensei no apelido carinhoso de meu pai, que eu tinha criado quando era mais nova. Ele sempre adorou velejar e, às vezes, quando voltava para nossa casa à beira do lago, cheirava a mar e ar fresco. De alguma forma, o nome pegou e, à medida que minhas irmãs mais novas foram chegando, passaram a chamá-lo assim também.

Conforme a lancha ganhava velocidade, o vento quente passando pelo meu cabelo, pensei nas centenas de viagens que eu tinha feito para Atlantis, o castelo de conto de fadas de Pa Salt. Como ficava em um promontório

particular, atrás do qual se erguia abruptamente uma meia-lua de montanhas, inacessível por terra: só se podia chegar lá de barco. Os vizinhos mais próximos ficavam a quilômetros de distância pelo lago, então Atlantis era nosso reino particular, isolado do resto do mundo. Tudo o que havia naquele lugar era mágico, como se Pa Salt e nós – suas filhas – tivéssemos vivido ali sob algum encantamento.

Cada uma de nós tinha sido adotada por Pa Salt ainda bebê, vindas dos quatro cantos do mundo e levadas até lá para viver sob sua proteção. E cada uma de nós, como Pa sempre gostava de dizer, era especial, diferente... éramos *suas* meninas. Ele tirara nossos nomes das Sete Irmãs, sua constelação preferida. Maia era a primeira e a mais velha.

Quando eu era criança, ele me levava até seu observatório com cúpula de vidro no alto da casa, me levantava com suas mãos grandes e fortes e me fazia olhar o céu noturno pelo telescópio.

– Ali está – dizia enquanto ajustava a lente. – Olha, Maia, aquela é a linda estrela brilhante que inspirou seu nome.

E eu a *via*. Enquanto ele explicava as lendas que eram a origem dos nomes das minhas irmãs e do meu, eu mal escutava, simplesmente desfrutava da sensação de seus braços apertados à minha volta, completamente atenta àquele momento raro e especial quando o tinha só para mim.

Com o tempo percebi que Marina, que eu imaginava enquanto crescia que fosse minha mãe – eu até encurtara seu nome para “Ma” –, era apenas uma babá, contratada por Pa para cuidar de mim porque ele passava muito tempo fora. Mas é claro que Marina era muito mais do que isso para todas nós, garotas. Era ela quem secava nossas lágrimas, nos repreendia pelo mau comportamento à mesa e nos orientara tranquilamente durante a difícil transição da infância para a idade adulta.

Ela sempre estivera por perto, e eu não a teria amado mais se tivesse me dado à luz.

Durante os três primeiros anos da minha infância, Marina e eu moramos sozinhas em nosso castelo mágico às margens do lago Léman enquanto Pa Salt viajava pelos sete mares cuidando de seus negócios. E então, uma a uma, minhas irmãs começaram a chegar.

Normalmente, Pa me trazia um presente quando voltava para casa. Eu escutava o motor da lancha chegando e saía correndo pelos vastos gramados e por entre as árvores até o cais para recebê-lo. Como qualquer criança,

eu queria ver o que ele tinha escondido em seus bolsos mágicos para me encantar. Em uma ocasião especial, no entanto, depois de me presentear com uma rena de madeira primorosamente esculpida, assegurando que vinha da oficina do Papai Noel no polo Norte, uma mulher uniformizada apareceu saindo de trás dele, e em seus braços havia um pequeno embrulho envolto em um xale. E o embrulho se mexia.

– Desta vez, Maia, eu lhe trouxe o mais especial dos presentes. Agora você tem uma irmã. – Ele sorria para mim enquanto me pegava nos braços. – E não vai mais ficar sozinha quando eu tiver que viajar.

Depois disso, a vida mudou. A enfermeira que Pa trouxera com ele foi embora em algumas semanas, e Marina assumiu os cuidados da minha irmãzinha. Eu não conseguia entender como aquela coisinha vermelha que berrava e que por vezes cheirava mal e desviava a atenção de mim poderia ser um presente. Até que, certa manhã, Alcione – que recebeu o nome da segunda estrela das Sete Irmãs – sorriu para mim de sua cadeira alta no café da manhã.

– Ela sabe quem eu sou – falei fascinada para Marina, que lhe dava comida.

– É claro que sabe, querida. Você é a irmã mais velha, aquela que ela vai admirar. Caberá a você lhe ensinar tudo que ela não sabe.

À medida que crescia, ela ia se tornando minha sombra, seguindo-me para todos os lugares, o que me agradava e me irritava em igual medida.

– Maia, me espere! – pedia gritando enquanto cambaleava atrás de mim.

Apesar de Ally – como eu a apelidara – ter sido originalmente um acréscimo indesejado à minha vida de sonho em Atlantis, eu não poderia ter desejado uma companhia mais doce e adorável. Ela raramente chorava e não tinha os ataques de pirraça das crianças de sua idade. Com seus cachos ruivos caindo pelo rosto e os grandes olhos azuis, Ally tinha um encanto natural que atraía as pessoas, incluindo nosso pai. Quando Pa Salt voltava de suas viagens longas ao exterior, eu notava como seus olhos se iluminavam quando ele a via, de uma maneira que eu tinha certeza que não brilhavam por mim. E, enquanto eu era tímida e reticente com estranhos, Ally tinha um jeito sempre receptivo, sempre disposta a confiar nos outros, e isso encantava todos.

Ela também era uma daquelas crianças que parecem se sobressair em tudo – especialmente na música e em qualquer esporte que tivesse a ver

com água. Lembro-me de Pa ensinando-a a nadar na nossa ampla piscina. Enquanto eu lutava para me manter na superfície e odiava ficar embaixo d'água, minha irmãzinha parecia uma sereia. E, enquanto eu não conseguia me equilibrar direito nem no *Titã*, o imenso e lindo iate oceânico de Pa, quando estávamos em casa Ally implorava que ele a levasse para dar uma volta no pequeno Laser que mantinha atracado em nosso cais particular. Eu me agachava na popa estreita do barco, enquanto Pa e Ally assumiam o controle e cruzávamos rapidamente as águas cristalinas. Aquela paixão comum por velejar os conectava de uma forma que eu sentia que nunca conseguiria.

Embora Ally tenha estudado música no Conservatório de Genebra e fosse uma flautista altamente talentosa, que poderia ter seguido carreira em uma orquestra profissional, desde que deixara a escola de música tinha escolhido ser velejadora em tempo integral. Agora participava regularmente de regatas e representara a Suíça em diversas competições.

Quando Ally tinha quase três anos, Pa chegou em casa com nossa próxima irmã, a quem deu o nome de Astélope, como a terceira das Sete Irmãs.

– Mas vamos chamá-la de Estrela – disse Pa, sorrindo para Marina, Ally e para mim, que observávamos a recém-chegada deitada no berço.

Naquela época, eu tinha aulas todas as manhãs com um professor particular, por isso a chegada da minha mais nova irmã me afetou menos do que a de Ally havia afetado. Então, apenas seis meses depois, outra bebê se juntou a nós, uma garotinha de doze semanas chamada Celeno, nome que Ally imediatamente reduziu para Ceci.

Havia uma diferença de apenas três meses entre Estrela e Ceci e, desde que me lembro, as duas forjaram uma estreita ligação. Pareciam gêmeas, conversando em uma linguagem de bebê só delas, e continuavam se comunicando desse jeito. Elas viviam em seu próprio mundo particular, que excluía todas nós, suas outras irmãs. E mesmo agora, na casa dos 20 anos, nada havia mudado. Ceci, a mais nova das duas, era sempre a chefe, atarracada e morena, em contraste com Estrela, pálida e muito magra.

No ano seguinte, outra bebê chegou – Taígeta, que apelidei de “Tiggy”, porque seu cabelo escuro e curto nascia em ângulos estranhos de sua cabeceira e me fazia lembrar do porco-espino da famosa história de Beatrix Potter.

Eu tinha então 7 anos e me liguei a Tiggy desde o primeiro momento

em que coloquei os olhos nela. Ela era a mais delicada de todas nós e, na infância, enfrentara uma doença atrás da outra, mas, mesmo ainda bem pequena, fora sempre serena e complacente. Depois que Pa trouxe para casa, alguns meses mais tarde, outra neném, que recebeu o nome de Electra, Marina, exausta, muitas vezes me perguntava se eu me importaria de ficar com Tiggy, que continuamente tinha febre ou tosse. Depois que a diagnosticaram como asmática, raramente a tiravam do quarto para passear em seu carrinho, de modo que o ar frio e a névoa pesada do inverno de Genebra não atingissem seu peito.

Electra era a mais nova das irmãs, e seu nome combinava perfeitamente com ela. Eu já estava acostumada com bebês e toda a atenção que exigiam, mas minha irmã mais nova era, sem dúvida, a mais desafiadora de todas. Tudo relacionado a ela *era* elétrico. Sua habilidade natural de mudar em um instante da água para o vinho e vice-versa fazia nossa casa, antes tão tranquila, reverberar diariamente com seus gritos agudos. Os ataques de pirraça ressoavam na minha cabeça de criança e, quando ela cresceu, sua personalidade impetuosa não se suavizou.

Ally, Tiggy e eu tínhamos, secretamente, nosso próprio apelido para ela: nossa irmã caçula era chamada entre nós três de “Difícil”. Todas pisávamos em ovos perto dela, tentando não fazer nada que pudesse deflagrar uma repentina mudança de humor. Sinceramente, havia momentos em que eu a odiava por toda a perturbação que trouxera a Atlantis.

Porém, quando Electra sabia que uma de nós estava em apuros, ela era a primeira a oferecer ajuda e apoio. Assim como era capaz de um enorme egoísmo, sua generosidade em outras ocasiões era igualmente marcante.

Depois de Electra, toda a família esperava a chegada da Sétima Irmã. Afinal, tínhamos recebido nossos nomes em homenagem à constelação preferida de Pa Salt e não estaríamos completas sem ela. Até sabíamos seu nome – Mérope – e nos perguntávamos como ela seria. Mas um ano se passou, depois outro, e outro, e nosso pai não trouxe mais nenhum bebê para casa.

Lembro-me claramente de um dia em que estava com ele no observatório. Eu tinha 14 anos, e entrava na adolescência. Esperávamos para assistir a um eclipse, que, explicara Pa, era um momento seminal para a humanidade e geralmente trazia alguma mudança.

– Pa – disse eu –, o senhor nunca vai trazer para casa nossa sétima irmã?

Ao ouvir isso, sua figura grande e protetora pareceu congelar por alguns segundos. De repente, parecia que ele carregava o peso do mundo nos ombros. Embora não tivesse se virado, pois estava ajustando o telescópio para o eclipse que ia acontecer, percebi instintivamente que o que eu dissera o deixara angustiado.

– Não, Maia, não vou. Porque eu nunca a encontrei.



Quando pude enxergar Marina de pé no cais, perto da cerca viva de abetos que escondia nossa casa de olhares curiosos, finalmente senti o peso da verdade inexorável que era a perda de Pa.

Então percebi que o homem que tinha criado o reino em que todas havíamos sido princesas não estava mais lá para conservar o encantamento.

2

Quando desci da lancha para o cais, Marina passou os braços delicadamente ao redor dos meus ombros de um jeito que sempre reconfortava. Em silêncio, seguimos juntas por entre as árvores e pelo gramado vasto que subia até a casa. Em junho, nossa casa estava no auge de sua beleza. Os jardins floresciam, convidando seus ocupantes a explorar passagens escondidas e grutas secretas.

A casa, construída no final do século XVIII no estilo Luís XV, era uma visão de grande esplendor e elegância. Tinha quatro andares, e suas fortes paredes pintadas num tom cor-de-rosa pálido eram cortadas por janelas altas com vidraças e cobertas por um telhado vermelho inclinado com pequenas torres em cada extremidade. Seu interior era decorado de maneira requintada, com todos os luxos modernos, e os tapetes grossos e os sofás macios aconchegavam todos que lá viveram. Nós, garotas, dormíamos no andar mais alto, de onde se tinha uma incrível vista livre do lago por sobre as copas das belas árvores. Marina também ocupava uma suíte no andar de cima.

Olhei para ela e pensei em como parecia exausta. Seus bondosos olhos castanhos estavam marcados pela fadiga, e sua boca, que normalmente exibia um sorriso, estava contraída e tensa. Calculava que ela já devia ter 60 e poucos anos, mas não parecia. Alta, com feições aquilinas muito marcadas, ela era uma mulher elegante e bonita, sempre vestida impecavelmente, o bom gosto natural refletindo sua ascendência francesa. Quando eu era mais nova, ela usava o cabelo escuro e sedoso solto, mas agora se encontrava preso em um coque na altura do pescoço.

Centenas de perguntas disputavam prioridade em minha mente, mas apenas uma exigia ser feita de imediato.

– Por que você não me ligou assim que Pa teve o ataque cardíaco? – perguntei quando chegamos à casa e entramos na sala de estar de pé-direito

alto que dava para um amplo terraço de pedra, repleto de vasos de capuchinhos em tom dourados e vermelho-vivo.

– Maia, acredite em mim, implorei a ele que me deixasse contar para você, para todas vocês, mas ele me pareceu tão angustiado quando sugeri isso que tive de fazer o que ele queria.

Eu compreendia que não havia muito que ela pudesse ter feito, já que Pa lhe pedira que não entrasse em contato conosco. Ele era o rei, e Marina era, na melhor das hipóteses, sua súdita mais confiável, e, na pior, sua criada, que devia fazer exatamente o que ele ordenava.

– Onde ele está agora? – perguntei. – Ainda lá em cima no quarto? Devo ir vê-lo?

– Não, *chérie*, ele não está lá em cima. Você gostaria de tomar um pouco de chá antes que eu lhe conte mais? – perguntou ela.

– Para ser sincera, acho que eu tomaria um gim-tônica forte – admiti, enquanto desabava em um dos enormes sofás.

– Vou pedir a Claudia que prepare. E acho que, desta vez, talvez eu a acompanhe.

Vi Marina sair da sala para procurar Claudia, nossa governanta, que trabalhava em Atlantis havia tanto tempo quanto Marina. A mulher era alemã, e sua aparente austeridade escondia um coração de ouro. Como todas nós, ela adorava seu patrão. Perguntei-me de repente o que aconteceria com ela e Marina. E, na verdade, o que aconteceria com a própria Atlantis agora que Pa havia partido.

As palavras ainda pareciam incongruentes nesse contexto. Pa sempre estava sempre “partindo” – para algum lugar, para fazer algo, embora nenhum de seus empregados ou ninguém da família tivesse alguma ideia específica do que ele realmente fazia para ganhar a vida. Eu havia perguntado a ele uma vez, quando minha amiga Jenny foi passar as férias escolares conosco e ficou visivelmente impressionada com a opulência em que vivíamos.

– Seu pai deve ser incrivelmente rico – sussurrara ela quando saímos do jato particular de Pa, que tinha acabado de pousar no aeroporto La Môle, perto de Saint-Tropez.

O motorista esperava na pista para nos levar até o porto, onde embarcaríamos em nosso magnífico iate de dez leitos, o *Titã*, e zarparíamos em nosso cruzeiro anual no Mediterrâneo, com o destino que Pa Salt tivesse escolhido.

Como qualquer criança, rica ou pobre, nunca me parecera incomum a

forma como levávamos a vida, já que era a única que eu conhecia. Todas nós tivéramos aulas com professores particulares quando éramos mais novas, e só quando fui para um colégio interno aos 13 anos é que comecei a perceber como nossa vida era distante daquela que a maioria das outras pessoas levava.

Quando perguntei a Pa o que exatamente ele fazia para garantir a nossa família todos os luxos imagináveis, ele olhou para mim daquele seu jeito misterioso e sorriu.

– Sou um tipo de mágico.

O que, como ele havia pretendido, não me esclareceu nada.

Conforme fui crescendo, comecei a perceber que Pa Salt era um mestre ilusionista, e nada era o que parecia a princípio.

Quando Marina voltou para a sala trazendo dois gins-tônicas numa bandeja, me ocorreu que, com 33 anos, eu não fazia ideia de quem meu pai havia sido no mundo fora de Atlantis. E me perguntava se agora eu ia finalmente começar a descobrir.

– Aqui está – disse Marina, pousando o drinque na minha frente. – Ao seu pai – continuou, erguendo a taça. – Que Deus o tenha.

– Sim, a Pa Salt. Que ele descanse em paz.

Marina tomou um longo gole antes de apoiar o drinque de volta na mesa e pegar minhas mãos.

– Maia, antes de conversarmos sobre qualquer outra coisa, sinto que devo lhe dizer algo.

– O quê? – perguntei, reparando em sua testa, franzida de ansiedade.

– Você me perguntou antes se seu pai ainda estava aqui na casa. A resposta é que ele já está em seu local de descanso. Era desejo dele que o sepultamento acontecesse imediatamente e que nenhuma de vocês estivesse presente.

Olhei para Marina como se ela tivesse enlouquecido.

– Mas, Ma, você me disse apenas algumas horas atrás que ele morreu no início desta manhã! Como é possível que o enterro tenha sido providenciado tão rapidamente? E *por quê?*

– Maia, seu pai foi inflexível: assim que falecesse, seu corpo deveria ser levado em seu jato até o iate. A bordo, ele devia ser colocado em um caixão de chumbo que aparentemente estava no porão do *Titã* fazia muitos anos à espera desse acontecimento. De lá, deveria ser levado para o mar.

Naturalmente, dado seu amor pela água, ele queria que seu descanso final fosse no oceano. E não desejava causar às filhas a angústia de... assistir a isso.

– Ah, meu Deus – falei. As palavras de Marina fizeram meu corpo tremer de horror. – Mas com certeza ele sabia que todas nós iríamos querer nos despedir adequadamente, não? Como ele pôde fazer isso? O que vou dizer às outras? Eu...

– *Chérie*, nós duas, que moramos nesta casa há mais tempo, sabemos que, no que dizia respeito a seu pai, nunca tivemos como questionar as coisas. Só posso acreditar – continuou ela, baixinho – que ele desejava ir para seu repouso final como viveu: com privacidade.

– E no controle – acrescentei, a raiva de repente ardendo dentro de mim. – É quase como se ele não confiasse que as pessoas que o amavam fariam o que era melhor para ele.

– Seja o que for que ele tenha pensado – disse Marina –, espero apenas que, no devido tempo, vocês todas possam se lembrar dele como o pai amoroso que era. A única coisa que eu sei é que vocês eram o mundo dele.

– Mas qual de nós o conhecia? – perguntei, com lágrimas de frustração brotando nos olhos. – Algum médico veio confirmar a morte dele? Você deve ter uma certidão de óbito. Posso ver?

– O médico me pediu alguns dados pessoais, como o local e o ano em que ele nasceu. Eu respondi que era apenas uma empregada e não tinha certeza desse tipo de coisa. Então o coloquei em contato com Georg Hoffman, o advogado que cuida de todos os negócios de seu pai.

– Mas *por que* ele era tão reservado, Ma? Hoje no avião, estava pensando que não me lembro de vê-lo trazer amigos aqui para Atlantis. Às vezes, quando estávamos no iate, algum de seus parceiros de negócios vinha a bordo para uma reunião e eles desapareciam lá embaixo em seu escritório, mas ele nunca socializava de verdade.

– Ele queria manter a vida familiar separada dos negócios para que pudesse dedicar toda a atenção para suas filhas quando estivesse em casa.

– As filhas que ele adotou de várias partes do mundo e trouxe para morar aqui. Por que, Ma, por quê?

Marina olhou para mim em silêncio. Seus olhos sábios e tranquilos não me deram nenhuma pista se ela sabia ou não a resposta.

– Quer dizer, quando você é criança – continuei –, cresce aceitando a

vida que tem. Mas nós duas sabemos que é muito incomum, se não completamente estranho, que um homem solteiro, de meia-idade, adote seis meninas e as traga aqui para a Suíça para crescerem sob o mesmo teto.

– Seu pai *era* um homem incomum – concordou Marina. – Mas com certeza dar a órfãs carentes a chance de terem uma vida melhor sob sua proteção não pode ser visto como algo ruim – continuou ela, tentando mudar o foco. – Muitos ricos adotam crianças quando não conseguem ter filhos por conta própria.

– Mas geralmente são casados – disparei. – Ma, você sabe se Pa alguma vez teve uma namorada? Alguém que amou? Eu vivi com ele por 33 anos e nunca o vi com uma mulher.

– *Chérie*, entendo que seu pai se foi e de repente você se deu conta de que muitas perguntas que queria ter feito nunca serão respondidas, mas realmente não posso ajudá-la. Além disso, este não é o momento – acrescentou Marina delicadamente. – Por ora, temos que celebrar quem ele era para cada uma de nós e recordá-lo como o ser humano gentil e amoroso que todas conhecíamos dentro das paredes da Atlantis. Tente lembrar que seu pai já tinha 80 e tantos anos. Ele viveu uma vida longa e gratificante.

– Mas ele estava velejando no lago havia apenas três semanas, controlando o veleiro como um homem com a metade da sua idade – lembrei. – É difícil conciliar essa imagem com a de alguém que estava morrendo.

– Sim, graças a Deus, ao contrário de muitos outros de sua idade, ele não sofreu com uma morte lenta e difícil. É ótimo você e as garotas poderem se lembrar dele assim em forma, feliz e saudável – encorajou Marina. – Com certeza é o que ele iria querer.

– Ele não sofreu no final, sofreu? – perguntei, hesitante, sabendo em meu coração que, caso tivesse sofrido, Marina nunca iria me dizer.

– Não. Ele sabia o que estava vindo, Maia, e acredito que tenha feito as pazes com Deus. Acho que ele ficou feliz em partir.

– Como posso dizer às outras que o pai delas se foi? – perguntei, angustiada. – E que elas não têm sequer um corpo para enterrar? Elas vão se sentir como eu agora, como se ele tivesse simplesmente evaporado.

– Seu pai pensou nisso antes de morrer, e Georg Hoffman, seu advogado, entrou em contato comigo hoje cedo. Prometo que cada uma de vocês terá a chance de dizer adeus a ele.

– Mesmo morto, Pa tem tudo sob controle – falei com um suspiro de

desalento. – A propósito, deixei mensagens para todas as minhas irmãs, mas até agora nenhuma delas me retornou.

– Bem, Georg Hoffman está só esperando vocês todas chegarem para vir aqui. E por favor, Maia, não me pergunte o que ele vai dizer, pois não tenho a menor ideia. Pedi a Claudia que preparasse uma sopa para você. Duvido que você tenha comido alguma coisa desde a manhã. Prefere levar a comida para o pavilhão, ou quer ficar aqui em casa esta noite?

– Vou tomar um pouco de sopa aqui e depois vou para o pavilhão, se você não se importar. Acho que preciso ficar sozinha.

– É claro. – Marina se aproximou de mim e me deu um abraço. – Entendo que choque terrível deve ser para você. E sinto muito por você mais uma vez ter que suportar o fardo da responsabilidade pelo restante das garotas, mas foi a você que ele me pediu que contasse primeiro. Não sei se isso pode dar algum conforto. Posso pedir a Claudia que esquentar a sopa? Acho que nós duas precisamos comer algo reconfortante.

Depois que comemos, falei para Marina ir para a cama e lhe dei um beijo de boa-noite, pois podia ver que ela também estava exausta. Antes de sair da casa, subi os vários lances de escada até o último andar e dei uma espiada no quarto de cada uma das minhas irmãs. Tudo permanecia do mesmo jeito que elas deixaram quando saíram de casa para seguir o caminho que escolheram, e cada quarto ainda revelava suas personalidades bastante diferentes. Sempre que voltavam, como pombas para seu ninho à beira da água, nenhuma delas parecia ter o menor interesse em mudá-los. Inclusive eu.

Abri a porta do meu antigo quarto e fui até a prateleira onde ainda guardava os objetos mais preciosos da minha infância. Peguei uma velha boneca de porcelana que Pa tinha me dado quando eu ainda era muito nova. Como sempre, ele tecera uma história mágica de como a boneca um dia pertencera a uma jovem condessa russa, mas que ficara solitária em seu palácio coberto de neve em Moscou depois de sua dona ter crescido e se esquecido dela. Ele me dissera que o nome da boneca era Leonora e que ela precisava de novos braços para cuidarem dela com amor.

Coloquei a boneca de volta na prateleira e peguei a caixa que continha o presente que Pa me dera quando fiz 16 anos. Então a abri e tirei o colar que estava lá dentro.

– É uma pedra da lua, Maia – dissera ele enquanto eu observava aquela

pedra incomum, que brilhava com uma tonalidade azul leitosa e era cercada por pequenos diamantes. – É mais velha do que eu e tem uma história muito interessante. – Lembrei que ele então hesitara, como se estivesse considerando algo em sua mente. – Talvez um dia eu lhe conte – continuara ele. – O colar provavelmente parece um pouco adulto para você agora, mas acho que um dia lhe cairá muito bem.

Pa tinha razão. Na época, eu enfeitava meu corpo – assim como todas as minhas colegas de escola – com pulseiras prateadas baratas e grandes cruzeiros penduradas em cordões de couro no pescoço. Eu nunca tinha usado a pedra da lua, que ficara ali, esquecida na prateleira, desde aquela época.

Mas eu a usaria agora.

Fui até o espelho, prendi o pequeno fecho da delicada corrente de ouro em meu pescoço e observei-a. Talvez fosse minha imaginação, mas a pedra parecia emitir um brilho forte em contraste com minha pele. Levei instintivamente os dedos para tocá-la enquanto andava até a janela e olhava as luzes do lago Léman.

– Descanse em paz, querido Pa Salt – sussurrei.

E, antes que minha mente fosse tomada por outras lembranças, saí rapidamente do meu quarto de infância e da casa, seguindo pelo caminho estreito que me levava à minha casa atual, a cerca de 200 metros dali.

A porta da frente do pavilhão ficava sempre destrancada. Com os recursos de segurança de alta tecnologia protegendo o perímetro daquele terreno, a chance de roubarem meus poucos pertences era pequena.

Ao entrar, vi que Claudia já havia passado ali para acender as luzes da minha sala de estar. Desabei no sofá, engolida pelo desespero.

Eu era a irmã que nunca tinha partido.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br